

Credibilidade vs Audiência

Caro leitor,

Cursar uma Faculdade de Engenharia não é uma tarefa fácil. Segundo a Confederação Nacional da Indústria, CNI, a média de evasão nos cursos de engenharia no Brasil alcança a impressionante cifra de 55%. Segundo o sistema CREA/CONFEA, o Brasil tem hoje da ordem de 300 mil engenheiros civis habilitados no sistema, representando 30% do total de engenheiros no país.

Graduar-se é uma vitória para poucos, mas o reconhecimento e o bom exercício profissional é outro grande desafio. Até bem pouco tempo atrás, esse contingente de profissionais, para se manter atualizado e competitivo na profissão, tinha de atualizar-se através de normas e livros impressos, teses de doutorado, disponíveis em poucas bibliotecas e livrarias, e também podiam se capacitar através de raros cursos e eventos técnico científicos presenciais.

Atualmente, com a consolidação da internet e a difusão das tecnologias de informação e comunicação, milhares de dados, recursos e fontes de informação estão disponíveis na internet através de ferramentas simples de acesso a essa rede, tipo webs e apps. No entanto, se isso facilitou sobremaneira o acesso a dados, a internet dificultou a busca mais pontual, qualitativa e confiável por informações de qualidade.

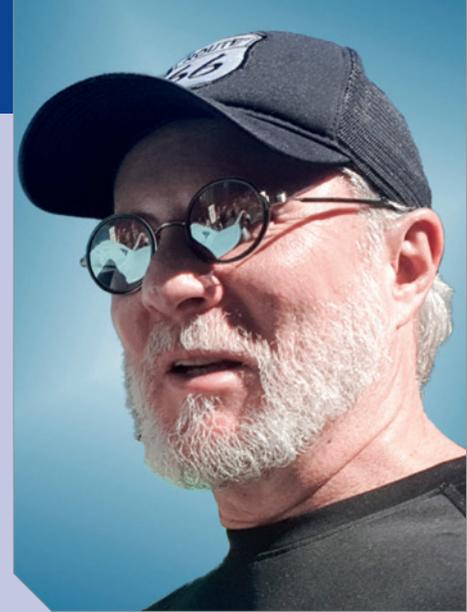
A democratização e o intercâmbio de informações na internet permitiram que empresas e indivíduos exponham suas ideias, veiculem e manipulem pensamentos de outrem, constituindo-se, por vezes, em sites com uma série de dados questionáveis e informações equivocadas, sem o crivo de uma Instituição ou de pares.

Por seu turno, a sociedade considera a Engenharia uma profissão de “confiança pública”, ou seja, acredita que se um engenheiro projetou e construiu uma ponte, um porto, um reservatório, uma barragem ou um edifício, todos podem usufruir daquela benfeitoria com segurança e durabilidade por muitos e muitos anos. Esta pressão por fazer o certo, estar atualizado e ser competitivo con-

tracena com o cenário dinâmico, irresponsável e liberalizante da internet, evidenciando a necessidade desta reflexão sobre o tema da credibilidade e isenção da informação técnica.

Um dos parâmetros atuais de interesse de certas corporações e de aparente importância de uma página é o seu número de seguidores ou curtidores, uma espécie de IBOPE dos dias de hoje, ou seja, sua “audiência”. Tratando-se de um assunto não técnico, como relatar e mostrar online o cotidiano da prazerosa vida de uma senhora de idade, uma vovozinha simpática, talvez seja um parâmetro a considerar. Porém, quando o interesse principal é obter informação técnica de qualidade para o bom exercício profissional, quais seriam, de fato, os requisitos e critérios para bem escolher as páginas a seguir e a frequentar?

Este período de pandemia exacerbou ainda mais o uso da internet, expondo verdadeiros conflitos de interesse. Encontra-se construtor que oferece o projeto estrutural incluído gratuitamente; tem fabricante e fornecedor de material ou produto da construção que oferece o projeto estrutural ou um projeto de reabilitação, também incluído automaticamente; tem fabricante e fornecedor de materiais de construção que oferecem vistoria e diagnóstico incluído no pacote da compra do seu produto; tem concreteira que oferece o estudo de dosagem de graça; tem sindicato, fabricante e fornecedores que oferecem cursos de cunho “educacional e formativo” gratuitamente on line; tem engenheiro ou jornalista que oferece formação profissional de graça às custas de outros engenheiros que se prestam a gravar palestras gratuitas; tem indivíduos (pessoa física ou MEI) que montam sozinhos eventos técnicos que parecem ou se dizem sérios, sem qualquer espécie de apoio Institucional externo, sem um Estatuto, sem um Regulamento,



sem um Comitê Científico ou Organizador reconhecido no meio, uma verdadeira empreitada individual!

Num país capitalista, liberal e democrático, a cadeia produtiva é composta por uma série de resilientes intervenientes: o fabricante, o fornecedor, o projetista, o fiscal, o construtor, o laboratório de ensaio, as instituições educacionais, o consultor, o órgão público regulador, as entidades de classe, os sindicatos patronais e de empregados, e, evidentemente, as entidades profissionais e voluntárias, como o IBRACON, uma das poucas que congrega e representa toda a cadeia produtiva e de valor do concreto.

Para exemplificar por exagero, vários escritórios de engenharia poderiam se dedicar a montar e ministrar cursos, organizar eventos, diagramar, imprimir e publicar livros e e-books, criar links, pedir inscrições e criar uma “rede de seguidores” internautas. Mas fica a pergunta: seria esse o papel de um escritório de engenharia? Não deveria ser respeitado o papel de cada empresa num contexto democrático e capitalista com consciência social?

O objetivo maior deveria ser garantir a valorização de todos que atuam na cadeia produtiva do concreto e principalmente fortalecer as Instituições voluntárias, éticas e históricas do setor, como a ALCONPAT, o IBRACON, a ABECE, a ABNT, o IBI, entre outras internacionais, como ACI, RILEM, CBTUH, fib, para citar algumas. Essas são Entidades abertas, democráticas, nas quais todos os profissionais do setor podem se associar, participar, ter voz e voto. Isto porque essas associações técnicas congregam os profissionais para debater e trocar informações e conhecimentos, no intuito de consolidar o estado da arte e das boas práticas, gerando atividades que obrigatoriamente passam pelo crivo dos pares. A discussão coletiva e construtiva com a colaboração entre os intervenientes do setor deve ser prioritária sobre a visão e iniciativa individual e isolada. Só um trabalho em equipe pode assegurar um ambiente saudável, confiável e que dê o respaldo técnico aos profissionais para uma atuação responsável.

Na própria internet, há dicas que ensinam a separar e identificar fontes confiáveis, através da conferência

de importantes itens, tais como: há uma Instituição séria e reconhecida por trás daquele site técnico?; é atividade fim daquela entidade promover tal curso, evento ou discussão, ou seja, seu papel na cadeia é difundir conhecimento ou seu papel é fabricar produtos, produzir ou construir obras?; há atualização permanente do conteúdo?; há coerência com as normas, aderência ao conhecimento existente, foco e consistência estrutural na apresentação da informação?; e, há consistência e relevância na abordagem do conteúdo, com referências bibliográficas a fontes reconhecidas e consagradas?

O país cresceu muito neste milênio, tornou-se a sexta maior potência mundial, mas, talvez, tenha faltado desenvolver e discutir valores éticos. Certamente, esse é o item mais difícil na luta pelo desenvolvimento, ou seja, crescer respeitando valores éticos e sustentáveis.

Na área técnica, no exercício profissional, a audiência não pode prevalecer sobre a credibilidade. O IBRACON está tentando abraçar e entender as mudanças com a convicção de que não é o mais forte que vencerá na vida por mais tempo, mas sim o mais adaptável, mas sem nunca se desvirtuar dos princípios mais básicos.

Veja e capacite-se nesta edição, com alta qualidade e credibilidade, o importante e atual tema da engenharia de edifícios altos, que aborda conceitos como a definição de aspectos dinâmicos na determinação dos esforços e desempenho estrutural, a importância de ensaios em túneis de vento, os riscos psicológicos com piscinas e banheiras, as soluções de engenharia estrutural empregadas nos edifícios esbeltos, a complexidade da consideração das deformações, da retração e da fluência.

Desfrutem do conhecimento produzido e generosamente compartilhado por grandes e reconhecidos especialistas dos artigos desta edição, sem deixar de refletir sobre o momento complexo e histórico que nos encontramos.

IBRACON, edificando ideias, concretando valores.

PAULO HELENE
DIRETOR PRESIDENTE 